

O ALVO DA LEGITIMIDADE AMOROSA

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

“Cupido não se comove com o que se dispõe fora do plano da legitimidade amorosa”.

Lá vem o Herculano de olhos cerrados careando estimas com suas flechadas certeiras. Acertou-me em cheio! Coração em sangue me dou conta que o autor desse belo perfil de Cupido disse que o anjinho travesso só atinge aquele que é digno de ser ferido (*amém!*). Pede cuidado, pois diz que a sábia e solene criatura pode atacar a qualquer instante não medindo consequências.

Esconde o autor, entretanto, que o alado ser, libertino sensato, se esconde muitas vezes por trás das barbas desse psicanalista Robin Hood. Sim, pois rouba dos *ricos* acervos de sua cultura para doar aos *pobres*, quando famintos estamos de saber e amor.

O texto publicado semana passada nesse “diário feminino” é de uma consistência inquietante. Inquietante pois não permite que se fique quieto perante ele. Suas considerações desconsideram os limites, daí serem amorosamente transgressoras. Sua fala, tal qual a de cupido, fala do deserto da alma e do inóspito de nossa humana condição, com a calorosidade hospitaleira da *gente do interior*, do *interior da gente*. Seu percurso, de singular caminho, vem do nascedouro de sua solidão ao universal que nem o diabo põe ou Deus dispõe, mas que se põe sem se pôr. Aposta, como o Deus do Amor, na potência do ser, se expondo tão bem nos pequenos espaços de grandeza e possibilidade como o desses escritos, que não se encontram “*em qualquer esquina, como carnes penduradas nos ganchos de um açougue*”. Acerta com o auxílio de seus “*dedos vertiginosos*” o OUTRO e consegue com isso apenas tocar na vida. Aí está todo o princípio libertário e revolucionário de Cupido. Tocar na vida do outro. Eu disse tocar e não futicar. Atingi-lo não injuriá-lo. Alcançá-lo e não cansá-lo. Pois o que põe uma relação de amor em cheque mate é quando se cansa o outro pela intrusão abusiva. Abuso onde o sujeito passa a querer ter o que tem, a exigir garantias nada amorosas contra o fim do amor, contra o aniquilamento da relação que aniquila-se à medida que fica garantida e não sentida. A intrusão abusiva não é da ordem da flecha do Cupido, parecendo mais um

exercício do tridente infernal. Pessoas que atingem-se com imensa facilidade mas que não se tocam.

Trago à tona exatamente esse elemento essencial do texto referido. Elemento que na maior parte do tempo se esconde por trás das linhas. Ou seja o ALVO. Afinal não há sentido para as flechas se não possuem um alvo.

É aí que faço esclarecer que cupido só se aparta da sedução onde habitam “cascalhos de insegurança”, quando essa não é digna da genuína sedução. Afinal o “sedutor” no seu sentido nefasto nunca possui o que oferece. Aí está o pecado, o engodo. Não há um alvo prá valer. Por outro lado, quando a sedução é ética um alvo de encontro é desvelado e desperta o desejo de disparar, de tocar. O alvo é encontrado mesmo quando não encontrado pois o que legitima o encontro é o propósito de encontrar, de alvejar.

Penso que aí está o ponto essencial do perfil tocado, aquilo que revela mesmo de perfil o que é. A silhueta de um arco e flecha nas mãos de um anjinho deve ser Cupido.

Cupido não se comove (move com) com o se dispõe fora do plano da legitimidade amorosa porque não há legitimidade na ausência do alvo, do outro. Flechas sem alvos, cordas sem caçambas, uns sem outros, mover sem co-mover, sem mover com alguém, definitivamente não parece ser o jogo do Cupido.

Um outro seduz eticamente Herculano a disparar sua seta. Senão não o teria feito. Sua trajetória está marcada pelo desejo do outro, do alvo. Acertou, pois percebeu o outro como outro, percebeu o alvo sem o qual ser seta não faz sentido. Verdadeiramente tocado apreendo a flecha e aprendo, com isso, a disparar. É a minha vez de lançar. Is my turn! Segue minha seta em busca de um alvo, de um outro. Lá vai ela, lá vem ela. ESSE É O VAIVÉM DA LEGITIMIDADE AMOROSA!

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).